

# IDENTIDADE E (RE)EXISTÊNCIA INDÍGENA NA LITERATURA: A POESIA DE MÁRCIA WAYNA KAMBEBA EM *AY KAKYRI TAMA:* *EU MORO* NA CIDADE

IDENTIDAD Y (RE)EXISTENCIA INDÍGENA EN LA LITERATURA: LA POESÍA DE MÁRCIA  
WAYNA KAMBEBA EN *AY KAKYRI TAMA: EU MORO NA CIDADE*

INDIGENOUS IDENTITY AND (RE)EXISTENCE IN LITERATURE: THE POETRY OF MÁRCIA  
WAYNA KAMBEBA IN *AY KAKYRI TAMA: EU MORO NA CIDADE*

Tatiana Santos Oliveira\*

Kátia Carvalho da Silva Rocha\*\*

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

**RESUMO:** O presente artigo realiza uma análise interpretativa da poesia indígena contemporânea, com foco na obra *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade* (2022), da escritora Márcia Wayna Kambeba, especificamente nos poemas *Ay kakyri tama*, *Índio eu não sou* e *Território ancestral*. A pesquisa busca compreender como esses poemas funcionam como expressões que articulam aspectos de identidade e (re)existência cultural dos povos originários, enfatizando a valorização da cultura ancestral e a reafirmação da identidade indígena frente aos desafios da diáspora urbana. A metodologia adotada possui caráter interpretativo, fundamentada em uma abordagem bibliográfica que inclui obras teóricas relevantes sobre a literatura indígena, como as contribuições de Graça Graúna (2013) e Julie Dorrico (2018), que oferecem um suporte teórico para a discussão, além de perspectivas dos estudos culturais

---

\* Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). E-mail: tatianaoliveira.201715404@uemasul.edu.br.

\*\* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta IV da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). E-mail: katiacarvalho@uemasul.edu.br.

e pós-coloniais. O estudo explora tanto o conteúdo e as características estilísticas dos poemas quanto o contexto sociocultural e histórico em que estão inseridos. Conclui-se, portanto, que os poemas analisados funcionam como veículos expressivos da voz ancestral do povo Omágua/Kambeba, reafirmando a relevância da poesia indígena como manifestação artística, cultural e política. Os resultados desta pesquisa buscam ampliar o entendimento da produção poética indígena, promovendo a valorização das vozes indígenas na literatura contemporânea e o reconhecimento da diversidade étnica e cultural em contextos urbanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia indígena contemporânea. Identidade. Resistência cultural.

**RESUMEN:** El presente artículo realiza un análisis interpretativo de la poesía indígena contemporánea, centrado en la obra *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade* (2022), de la escritora Márcia Wayna Kambeba, específicamente en los poemas *Ay kakyri tama*, *Índio eu não sou* y *Território ancestral*. La investigación busca comprender cómo estos poemas funcionan como expresiones que articulan aspectos de identidad y (re)existencia cultural de los pueblos originarios, destacando la valorización de la cultura ancestral y la reafirmación de la identidad indígena ante los desafíos de la diáspora urbana. La metodología adoptada tiene un carácter interpretativo, fundamentado en un enfoque bibliográfico que incluye obras teóricas relevantes sobre la literatura indígena, como las contribuciones de Graça Graúna (2013) y Julie Dorrico (2018), que ofrecen un soporte teórico para la discusión, además de perspectivas de los estudios culturales y poscoloniales. El estudio explora tanto el contenido y las características estilísticas de los poemas como el contexto sociocultural e histórico en el que están insertos. Se concluye, por lo tanto, que los poemas analizados funcionan como vehículos expresivos de la voz ancestral del pueblo Omágua/Kambeba, reafirmando la relevancia de la poesía indígena como manifestación artística, cultural y política. Los resultados de esta investigación buscan ampliar la comprensión de la producción poética indígena, promoviendo la valorización de las voces indígenas en la literatura contemporánea y el reconocimiento de la diversidad étnica y cultural en contextos urbanos.

**PALABRAS CLAVE:** Poesía indígena contemporánea. Identidad. Resistencia cultural.

**ABSTRACT:** This article presents an interpretive analysis of contemporary Indigenous poetry, focusing on the work *Ay Kakyri Tama: Eu Moro na Cidade* (2022) by the writer Márcia Wayna Kambeba, specifically the poems *Ay Kakyri Tama*, *Índio Eu Não Sou*, and *Território Ancestral*. The research seeks to understand how these poems function as expressions that articulate aspects of identity and cultural (re)existence of Indigenous peoples, emphasizing the valorization of ancestral culture and the reaffirmation of Indigenous identity in the face of the challenges of urban diaspora. The methodology adopted has an interpretive character, based on a bibliographic approach that includes relevant theoretical works on Indigenous literature, such as the contributions of Graça Graúna (2013) and Julie Dorrico (2018), which provide theoretical support for the discussion, as well as perspectives from cultural and post-colonial studies. The study explores both the content and stylistic characteristics of the poems, as well as the socio-cultural and historical context in which they are embedded. It concludes that the analyzed poems serve as expressive vehicles of the ancestral voice of the Omágua/Kambeba people, reaffirming the relevance of Indigenous poetry as an artistic, cultural, and political manifestation. The results of this research aim to broaden the understanding of Indigenous poetic production, promoting the valorization of Indigenous voices in contemporary literature and the recognition of ethnic and cultural diversity in urban contexts.

**KEYWORDS:** Contemporary indigenous poetry. Identity. Cultural resistance.

## 1 INTRODUÇÃO

A poesia, enquanto forma de expressão literária, desempenha um papel crucial na representação e na preservação das identidades culturais ao longo da história. Nesse contexto, a poesia indígena surge como um veículo de expressão, resistência e afirmação identitária, ao dar voz a perspectivas historicamente marginalizadas e moldar narrativas que refletem a riqueza das culturas, línguas e tradições ancestrais. No cenário literário contemporâneo, destaca-se Márcia Wayna Kambeba como uma influente voz na poesia indígena, visto que essa poeta utiliza suas composições como meio de expressar as ricas nuances de identidade e resistência cultural. Este trabalho tem como objetivo a análise da poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba, com destaque para os poemas *Ay kakyri tama*, *Índio eu não sou* e *Território ancestral*, presentes na obra *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade* (Kambeba, 2022). Focado na conexão intrínseca entre expressão literária e identidade cultural, este estudo busca examinar de que maneira os referidos poemas oferecem um espaço para a articulação das experiências, memórias e visões dos povos indígenas, ao mesmo tempo que se

estabelecem como formas de (re)afirmação identitária e resistência ao processo histórico de marginalização e apagamento de suas culturas.

Por meio de uma análise textual e contextual, esta pesquisa visa revelar como as composições poéticas de Kambeba transcendem a dimensão literária, tornando-se instrumentos de preservação da herança ancestral e de (re)construção identitária. Ao combinar elementos da literatura com a antropologia cultural, esta investigação visa contribuir para uma compreensão enriquecida da complexidade e diversidade das vozes indígenas contemporâneas, destacando o papel da poesia como um meio de reafirmação cultural e histórica diante dos desafios socioculturais do presente.

A metodologia empregada consiste em uma revisão bibliográfica, conforme é definida por Gil (2002), com abordagem de natureza interpretativa, centrada na poesia indígena brasileira, com ênfase nas obras de Márcia Wayna Kambeba. A pesquisa apoia-se em contribuições teóricas de estudiosos das Literaturas Indígenas, como Graça Graúna (2013) e Julie Dorrico (2018), bem como em estudos culturais e pós-coloniais, permitindo uma reflexão sobre a relação entre a poesia indígena e o contexto sociocultural e histórico em que está inserida. Além disso, foram utilizados estudos críticos e ensaios que abordam a temática da literatura indígena e as questões culturais e sociais relacionadas. Com esta pesquisa, busca-se enriquecer a compreensão das dimensões artísticas, identitárias e sociopolíticas da poesia indígena contemporânea, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento sobre as dinâmicas complexas que moldam as vozes e expressões culturais das comunidades tradicionais.

## 2 POESIA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

A poesia indígena no Brasil possui uma trajetória cultural e literária milenar, remontando aos tempos pré-coloniais, quando os povos originários do território brasileiro expressavam suas crenças, valores e memórias por meio da tradição oral. Contudo, apesar de sua riqueza e longa trajetória, a literatura indígena muitas vezes é relegada à margem do cânone literário, como aponta Graúna (2013, p. 55): “[...] no cânone, essa literatura não aparece mencionada; seu lugar tem sido, até agora, a margem. Poucos se dão conta de sua pulsação”. No século XVI, a chegada dos colonizadores europeus trouxe consigo desafios significativos para a poesia indígena, quando o processo de colonização impôs mudanças culturais e sociais drásticas, afetando a expressão artística dos povos nativos. Os colonizadores e missionários, na tentativa de impor a língua e a cultura europeia, reprimiram muitas vezes as práticas e expressões culturais tradicionais, deixando um impacto duradouro na forma como a poesia indígena se desenvolveu ao longo do tempo.

Entretanto, a literatura escrita dos povos indígenas no Brasil, como destaca Graúna (2013), vai além da resistência às imposições coloniais:

Gerando a sua própria teoria, a literatura escrita dos povos indígenas no Brasil pede que se leiam as várias faces de sua transversalidade, a começar pela estreita relação que mantém com a literatura de tradição oral, com a história de outras nações excluídas (as nações africanas, por exemplo), com a mescla cultural e outros aspectos fronteiriços que se manifestam na literatura estrangeira e, acentuadamente, no cenário da literatura nacional. (Graúna, 2013, p. 19).

Além disso, como observa Graúna (2013, p. 55), “[...] os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária [...] muito delicada e muito debatida hoje entre escritores indígenas”. Essa herança cultural, transmitida oralmente de geração em geração, desempenhou um papel fundamental na formação identitária e na preservação das línguas indígenas ancestrais.

Assim, a poesia indígena no Brasil, ao longo de sua trajetória, não enfrentou apenas os desafios da colonização, mas também se destacou como uma forma de resistência, diálogo e construção identitária, contribuindo para a riqueza e diversidade do cenário literário brasileiro. Apesar das tentativas de aculturação, a poesia indígena continuou a existir e resistir, adaptando-se às novas realidades sociais e incorporando elementos da cultura ocidental. Algumas formas poéticas indígenas foram transpostas para o papel, principalmente por meio dos registros feitos por missionários e viajantes europeus, que documentaram fragmentos de narrativas orais indígenas em escrita alfabetizada. Nesse sentido, Graúna (2013) propõe uma periodização da literatura indígena, estruturando-a em duas fases distintas: a clássica e a contemporânea. Segundo ela,

[...] o período clássico referente à tradição oral (coletiva) que atravessa os tempos com as narrativas míticas e o período contemporâneo (de tradição escrita individual e coletiva) na poesia e na “contação de histórias” com base em narrativas míticas e no entrelaçamento da história (do ponto de vista indígena) com a ficção (em fase de experimentalismo). (Graúna, 2013, p. 74).

Graúna (2013) destaca que a pioneira do movimento literário indígena foi Eliane Potiguara, cujo marco inaugural se dá com o poema intitulado *Identidade indígena* (Potiguara, 2019, p. 113-115), escrito em 1975. Este trabalho literário, em uma manifestação de resistência, incorpora a voz da mulher indígena como protagonista textual, evocando as forças ancestrais e as aflições experimentadas por seus antepassados em decorrência do processo colonizador. É possível discernir, portanto, que o poema se configura como uma expressão artística que atua como meio de resgatar a memória e as experiências dos povos indígenas perante a colonização.

No desenvolvimento do Movimento Indígena, intelectuais como Graúna (2013) e Dorrico (2018) sustentam que esse fenômeno ganhou relevância na década de 1970. No entanto, é digno de nota que foi nas décadas de 1980 e 1990 que a literatura indígena experimentou um crescimento notável e alcançou uma posição consolidada. Durante esse período, a produção literária indígena, especialmente no contexto brasileiro, passou a se direcionar ao público não indígena, estabelecendo uma comunicação intercultural que transcende as fronteiras étnicas e culturais. Para Dorrico (2018):

Essas novas vozes, portanto, têm a função de enunciar suas pertenças ancestrais de modo criativo e, nessa esteira, desconstruir noções sedimentadas que se conservam no imaginário popular sobre elas, marcadas por um viés fortemente negativo e preconceituoso. Denunciam, além disso, práticas de violência física e simbólica perpetradas historicamente contra os povos indígenas. (Dorrico, 2018, p. 231).

Com o surgimento de um movimento de valorização das culturas indígenas na segunda metade do século XX, a poesia indígena ganhou maior visibilidade e reconhecimento. Nas décadas mais recentes, surgiram autores indígenas que incorporaram suas vivências e perspectivas contemporâneas em suas composições, produzindo uma poesia indígena contemporânea rica em diversidade temática e estilística. Esses poetas abordam temas como a relação com o meio ambiente, a identidade cultural, a luta pelos direitos territoriais, as questões sociais e políticas enfrentadas pelas comunidades indígenas, além de tratar a diáspora urbana e o choque cultural entre o contexto indígena e o não indígena.

Dentro dessa moldura, destaca-se a figura de Daniel Munduruku, que se tornou um nome de destaque ao longo desse período, reconhecido por suas obras voltadas tanto ao público infanto-juvenil quanto à promoção do diálogo intercultural no ambiente escolar. Como outros escritores indígenas contemporâneos, Munduruku desempenha o papel de retomada da voz indígena no cenário literário brasileiro, ao abordar temas que envolvem as experiências, tradições e lutas de seu povo. Essa retomada não ocorre de maneira isolada, mas como parte de um processo mais amplo de resistência e reafirmação identitária. Conforme Dorrico (2018) destaca, o sujeito indígena se define como alguém em:

[...] processo de retomada da voz e de apropriação da letra em defesa de seu povo e de si, contra uma representação não comprometida com as pertenças étnicas utilizadas por autores não-indígenas na literatura brasileira, contra uma representação extemporânea e desvinculada à alteridade indígena que lhe retira esse lugar de fala e caricaturiza a compreensão pública, política e cultural de modo equivocado. (Dorrico, 2018, p. 231).

Nesse sentido, Munduruku, ao lado de outros autores indígenas, atua como uma voz que denuncia estereótipos e resgata a complexidade cultural indígena em suas obras.

A literatura indígena contemporânea, marcada por sua relevância como espaço de denúncia, resistência e preservação da identidade dos povos originários, ancora-se em uma tradição que remonta aos tempos pré-coloniais e se desenvolveu em resposta às transformações históricas e culturais resultantes do processo de colonização. Ela desempenha o papel de reverter séculos de invisibilização, reafirmando a presença e o protagonismo dos povos indígenas na formação da identidade cultural brasileira. Nesse contexto, Graúna (2013) delineia uma perspectiva crítica e analítica ao caracterizá-la como:

[...] um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones. (Graúna, 2013, p. 15).

Conforme a autora ressalta, a literatura proporciona um espaço para o encontro e manifestação das múltiplas perspectivas indígenas que foram historicamente marginalizadas. Essa convergência de vozes, por meio da escrita, representa uma forma de romper o silenciamento imposto ao longo da colonização, permitindo que as experiências, os valores e os anseios das comunidades indígenas sejam finalmente compartilhados e reconhecidos.

A poesia indígena contemporânea assume atualmente uma posição significativa na literatura brasileira, sendo reconhecida como uma valiosa expressão artística e cultural que desempenha um papel fundamental na valorização da diversidade étnica e identitária do país. Autores indígenas como Márcia Wayna Kambeba exercem uma função crucial ao promover a divulgação e preservação desse tipo de poesia, contribuindo para a construção de um cenário literário mais representativo da rica pluralidade cultural brasileira.

Como resultado, a literatura indígena contemporânea emerge como uma força dinâmica e transformadora, necessária como um veículo para a resistência cultural e a afirmação identitária. Ela atua não apenas como testemunho histórico, mas também como uma lente que oferece vislumbres das realidades atuais das comunidades indígenas. Ao entrelaçar uma rede de narrativas que estabelece conexões entre o passado e o presente, essa literatura ressalta a pertinência das vozes indígenas, contribuindo para a construção de uma compreensão mais completa e inclusiva das complexidades culturais e sociais inerentes ao contexto indígena contemporâneo.

### 3 MÁRCIA WAYNA KAMBEBA: A ESCRITORA E SUA OBRA

Originária da região do Alto Solimões, no estado do Amazonas, Márcia Wayna Kambeba se destaca como escritora e ativista indígena brasileira. Sua trajetória está profundamente enraizada na conexão intrínseca com suas raízes culturais, refletindo um compromisso inabalável com a valorização e preservação da identidade étnica de seu povo, a etnia Kambeba, também conhecida como Omágua. Conforme explica Kambeba (2022): “Omágua (nome original da etnia) significa, pelo que se pôde colher nas pesquisas, ‘cabeça de homem’, e Kambeba (apelido dado ao povo devido à prática da remodelação dos crânios) significa ‘cabeça-chata’” (Kambeba, 2022, p. 8), sendo essa etnia historicamente presente na vasta região da Amazônia Ocidental.

Desde seus primeiros anos, Kambeba esteve imersa na riqueza cultural de seu povo, que “[...] segundo os sábios, nasceu de uma gota d’água que cai, topa numa folha de samaumeira, chega ao igarapé e daí nasce o homem e a mulher” (Kambeba, 2022, p. 10), assimilando as tradições, mitos e rituais ancestrais. Embora tal concepção possa ser percebida por muitos como um “mito” ou uma “lenda”, é vital ressaltar que, para o povo Kambeba, essa explicação sobre suas origens transcende a categoria de mera narrativa folclórica. Ela constitui um pilar fundamental na construção multifacetada do indivíduo, além de ser parte integrante da cosmovisão particular da etnia Kambeba e de sua própria existência no contexto terrestre (Kambeba, 2022). Nesse sentido, a produção literária da autora reflete seu compromisso em expressar sua identidade indígena e resistir aos desafios da sociedade contemporânea.

Para o poeta Miguel Antonio d’Amorim Junior, em *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade* (2022), suas obras emanam uma voz poética capaz de dialogar com as vivências e dilemas de seu povo:

Suas poesias reúnem a força do rio Amazonas, o encanto da floresta, o sabor do açaí, a voz dos ancestrais, o silêncio de guerreiro, o poder originário da água, a alma sagrada da samaumeira: árvore da vida e resistência da terra, mãe que amamenta os filhos das águas do Solimões e demais filhos existentes nesse país (D’Amorim Júnior, 2022, p. 15).

Dentre suas obras, destaca-se *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*, cuja primeira versão foi publicada em 2018. A obra aborda a transição dos indígenas para ambientes urbanos, explorando interações entre vida citadina e preservação cultural ancestral. Por meio da poesia, Kambeba trata de temas como a perda territorial, a relação com a natureza e a resiliência cultural em um ambiente urbano em constante mutação, enfatizando que “[...] a luta do povo Omágua/Kambeba e dos demais povos não se resume apenas a defender seus limites territoriais” (Kambeba, 2022, p. 8).

Infere-se que a formação sociocultural da poetisa é essencial para compreender sua produção poética. Criada em uma comunidade indígena, ela vivenciou tradições, rituais e cosmologias de seu povo, moldando sua poesia com valores de sabedoria ancestral, conexão com a natureza e a terra como pilar da identidade indígena. No entanto, sua experiência de diáspora urbana também exerceu uma influência significativa, confrontando-a com os desafios de adaptação a um ambiente diversificado e o enfrentamento do preconceito. Essa experiência levou-a a reafirmar sua identidade étnica em meio a uma sociedade que, por vezes, marginaliza as vozes indígenas.

A literatura de Márcia Wayna Kambeba é igualmente enriquecida pela influência de outras vozes indígenas e escritores que buscam destacar questões indígenas na literatura brasileira, como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Kaká Werá Jecupé. Esses autores [...] lutam também por uma forma de existência presente no modo diferente de viver, ver, sentir, pensar, agir e de seguirem construindo sua história, exigindo seus direitos, tendo como um dos objetivos o ensino da língua materna” (Kambeba, 2022, p. 8). A escrita emerge, portanto, de um contexto intrinsecamente conectado às raízes culturais, no qual a diáspora urbana e a luta pela preservação identitária permeiam suas poesias. Suas obras assumem o papel de uma voz ancestral de resistência e de expressão da identidade indígena contemporânea.

### 3.1 A RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E A RESISTÊNCIA LINGUÍSTICO-CULTURAL NA POESIA DE MÁRCIA WAYNA KAMBEBA

Nesta seção, serão apresentados e contextualizados os três poemas selecionados para análise: *Ay kakyri tama*, *Índio eu não sou* e *Território Ancestral*, todos pertencentes à obra *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*, de Márcia Wayna Kambeba. Esses poemas apresentam características estilísticas e linguísticas marcantes, que contribuem para a expressão de suas temáticas e mensagens. A análise destas composições permitirá compreender os recursos literários utilizados pela autora para transmitir sua identidade indígena, resistência cultural e reflexões sobre a urbanização indígena.

Em suas obras, a poetisa destaca a importância da valorização das tradições, mitos e rituais indígenas como forma de (re)existência contra a assimilação cultural e o apagamento identitário. A poesia de Márcia Wayna Kambeba reafirma a voz ancestral de seu povo, resistindo à marginalização e invisibilização dos indígenas na sociedade contemporânea.

Embora os poemas abordem temas distintos, eles convergem para a valorização da cultura indígena e o diálogo intercultural. Kambeba (2022) utiliza sua poesia como um meio de expressar a complexidade da experiência indígena na cidade e a importância da ancestralidade para o fortalecimento da identidade étnica. Ademais, suas reflexões poéticas desafiam estereótipos e promovem o reconhecimento e a valorização das vozes indígenas na literatura contemporânea brasileira.

#### 3.1.1 Recontextualização do ser indígena: *Ay kakyri tama*

##### AY KAKYRI TAMA [Eu moro na cidade]

Ay kakyri tama.  
Ynua tama verano y tana rytama.  
Ruaia manuta tana cultura ymimiua,  
Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual.  
[tradução]

Eu moro na cidade  
 Esta cidade também é nossa aldeia,  
 Não apagamos nossa cultura ancestral,  
 Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual.

Nasci na Uka sagrada,  
 Na mata por tempos vivi,  
 Na terra dos povos indígenas,  
 Sou Wayna, filha da mãe Aracy.

Minha casa era feita de palha,  
 Simples, na aldeia cresci  
 Na lembrança que trago agora,  
 De um lugar que eu nunca esqueci.

Meu canto era bem diferente,  
 Cantava na língua Tupi,  
 Hoje, meu canto guerreiro,  
 Se une aos Kambeba, aos Tembé, aos Guarani.

Hoje, no mundo em que vivo,  
 Minha selva, em pedra se tornou,  
 Não tenho a calma de outrora,  
 Minha rotina também já mudou.

Em convívio com a sociedade,  
 Minha cara de “índia” não se transformou,  
 Posso ser quem tu és,  
 Sem perder a essência que sou,

Mantenho meu ser indígena,  
 Na minha Identidade,  
 Falando da importância do meu povo,  
 Mesmo vivendo na cidade (Kambeba, 2022, p. 24-25).

O poema *Ay kakyri tama* enfatiza a identidade étnica e cultural do eu lírico desde o título. A expressão “*Ay kakyri tama*” é crucial ao ressaltar que a cidade é também um espaço de pertencimento para o indivíduo indígena. Isso evidencia sua forte ligação com suas raízes, mesmo em um ambiente urbano, e destaca sua resistência cultural, ao se manter conectado com suas origens. A referência à aldeia como “nossa aldeia” é significativa, revelando o profundo sentimento de coletividade e pertencimento do povo indígena, mesmo em meio à urbanização que, frequentemente, tende a apagar suas identidades culturais.

A alternância entre termos em Tupi/Omágua (uma língua indígena), como a expressão “*Ynua tama verano y tana rytama*”, e em Português, língua majoritária no contexto brasileiro, reforça o diálogo entre duas culturas presentes na experiência do eu lírico.

O poema, de maneira contundente, transmite uma mensagem de (re)existência ao afirmar que “Não apagamos nossa cultura ancestral”. O verso ressoa com uma força, destacando a urgente importância de valorizar e preservar as tradições e saberes transmitidos pelas gerações passadas. Ademais, o verso “Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual” destaca a afirmação cultural dos povos indígenas, mesmo em meio à diáspora urbana. Aqui, a referência ao homem branco simboliza a presença

dominante da cultura não indígena na sociedade, enquanto a proposta de dançar o ritual indígena surge como um ato ousado de resistência e reafirmação assertiva da identidade cultural.

Além disso, o verso apresenta-se como um convite explícito ao homem branco para participar dos rituais indígenas. Tal convocação, longe de ser uma mera sugestão, materializa-se como um ato de enfrentamento, evidenciado pela veemência com que a voz indígena se manifesta. Esse fenômeno ocorre em um espaço que, embora distinto do solo ancestral, também pertence à comunidade indígena. No novo cenário, destaca-se o protagonismo indígena, que não apenas perpetua suas práticas culturais, mas também convoca o não indígena a explorar suas origens, evidenciando a expressividade intrínseca à identidade indígena e, simultaneamente, reivindicando o reconhecimento cultural e étnico por parte do outro. Este gesto, portanto, configura-se como uma forma de resistência.

O verso “Nasci na Uka sagrada” evidencia uma conexão intrínseca com a terra, evocando um sentido de sacralidade associado à natureza. A palavra “*Uka*”, que significa casa (Kambeba, 2022, p. 72), reforça a ligação espiritual e ancestral com um território específico, sendo entendida como a casa sagrada da comunidade. A sequência “Na mata por tempos vivi / Na terra dos povos indígenas” estabelece uma relação direta com o ambiente natural e ancestral dos povos indígenas, enfatizando a conexão da narradora com esse espaço.

A identificação étnica é fortalecida com a afirmação “Sou Wayna, filha da mãe Aracy”, que sugere a importância da ancestralidade e da maternidade como pilares de identificação e pertencimento. Essa conexão étnica é retratada em conjunto com a evocação da infância vivida na aldeia, onde “Minha casa era feita de palha” e “Na lembrança que trago agora / De um lugar que eu nunca esqueci” denotam a preservação afetiva das memórias do passado. O nome próprio “Aracy”, com raízes etimológicas oriundas da língua Tupi, exibe significados plurais, abarcando interpretações que vão desde “estrela doce” e “dia claro” até a conotação de “luz da manhã”, conforme documentado por Kambeba (2022, p. 72). Nessa conjuntura, a expressão “filha da mãe Aracy” sublinha deliberadamente sua linhagem e, de modo mais extenso, aprofunda sua vinculação com uma ancestralidade indígena específica.

Além disso, o sol remete à força e à energia, atributos que se traduzem na própria atitude de resistência do indígena. O sujeito lírico carrega consigo a força e a luz ancestral que não se apagam, renascendo a cada manhã com as lembranças de seu lugar de origem e de seus antepassados. Essa simbologia solar reforça a identidade e a persistência dos povos indígenas, que, mesmo diante das adversidades, mantêm viva sua cultura e tradição. A voz poética se insurge e (re)afirma sua identidade indígena, preservando e transmitindo a história e os valores de seu povo para as futuras gerações.

A mudança de contexto é introduzida de forma assertiva pelo verso “Meu canto era bem diferente / Cantava na língua Tupi”, que aponta para a transformação linguística e cultural ocorrida ao longo do tempo. A versatilidade identitária é expressa na linha “Hoje, meu canto guerreiro / Se une aos Kambeba, aos Tembé, aos Guarani”, que sugere uma integração das identidades étnicas, ampliando o alcance de sua expressão.

A adaptação à vida urbana é explorada nos versos “Hoje, no mundo em que vivo / Minha selva, em pedra se tornou / Não tenho a calma de outrora / Minha rotina também já mudou”. Aqui, a selva, antes símbolo de tranquilidade e ligação com a natureza, contrasta com o ambiente urbano, ilustrando um processo de metamorfose. Nesse contexto, a pedra emerge como símbolo dos desafios enfrentados pelos indígenas na cidade. Sua rigidez traduz a dificuldade de adaptação a um ambiente hostil e implacável, onde o tempo é ditado pelas engrenagens do capital. O tempo das urgências, da velocidade, do trabalho e da exploração capitalista moldam a vida urbana, aprisionando o indivíduo em uma rotina frenética e alienante.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001), a pedra possui uma simbologia complexa e multifacetada. Sendo que pode representar tanto a solidade e a imutabilidade quanto a rigidez e a obstinação. Além disso, transcende sua materialidade, transformando-se em um portal que nos conecta ao tempo ritualístico da selva. As pedras, consideradas entidades vivas, “caídas do céu” (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 696), guardam em si a sabedoria ancestral e a memória de um período em que a vida era regida por ciclos e rituais, resistindo à homogeneização urbana.

Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 697) afirmam que “[a] pedra é ainda um símbolo da Terra-mãe. [...] é viva e dá a vida”, complementando a simbologia da pedra no contexto da adaptação indígena à vida urbana, representando a força da tradição e a conexão com as raízes indígenas. A Terra-mãe, figura central em diversas cosmogonias indígenas, representa a origem da vida, a fertilidade, a conexão com a natureza e a ancestralidade. Na tradição oral de muitos povos, a terra é sagrada e fonte de vida, e a pedra, como sua representação, carrega em si a memória e a sabedoria de seus ancestrais.

A coexistência com a sociedade não indígena é abordada com o verso “Em convívio com a sociedade / Minha cara de ‘índia’ não se transformou”. Nesse contexto, a manutenção da identidade étnica é reforçada com a frase “Posso ser quem tu és / Sem perder a essência que sou”, que sugere a possibilidade de adaptação sem renunciar à identidade cultural original. A persistência da identidade indígena no contexto urbano é concluída com “Mantenho meu ser indígena / Na minha Identidade / Falando da importância do meu povo / Mesmo vivendo na cidade”. Esses versos encapsulam a mensagem central do poema, destacando a resiliência cultural do eu lírico e sua determinação em preservar e promover a importância da herança indígena, mesmo diante das transformações urbanas.

A partir do exposto, comprehende-se que os versos desse poema formam uma narrativa poética densa e evocativa que aborda a complexa relação entre identidade étnica, memória cultural, adaptação e resistência no contexto da vida indígena contemporânea, tanto nas comunidades tradicionais quanto nas cidades. A métrica variada confere ao poema um ritmo único e fluido, o que corresponde à expressividade e à variedade temática presentes nas estrofes. A alternância nas contagens das sílabas métricas também se correlaciona com a exploração de diferentes aspectos da identidade indígena, migração da vida tradicional para a cidade e a busca por preservar a cultura ancestral. Dessa forma, a autora tece uma tapeçaria rítmica que se alinha harmoniosamente com os temas multifacetados abordados no poema, ampliando a profundidade de suas reflexões e permitindo uma experiência poética envolvente. Além disso, o poema revela a habilidade do eu lírico em reconciliar seu passado com seu presente, enquanto reafirma a vitalidade e a relevância da herança indígena no cenário global.

### **3.1.2 Desconstrução de terminologia colonial: *Índio eu não sou***

#### **ÍNDIO EU NÃO SOU**

Não me chame de “índio” porque  
Esse nome nunca me pertenceu.  
Nem como apelido quero levar  
Um erro que Colombo cometeu.

Por um erro de rota  
Colombo em meu solo desembarcou  
E no desejo de às Índias chegar  
Com o nome de “índio” me apelidou.

Esse nome me traz muita dor  
Uma bala em meu peito transpassou  
Meu grito na Mata ecoou  
Meu sangue na terra jorrou.

Chegou tarde, eu já estava aqui  
Caravela aportou bem ali  
Eu vi “homem branco” subir  
Na minha Uka me escondi.

Ele veio sem permissão

Com a cruz e a espada na mão  
Nos seus olhos, uma missão  
Dizimar para a civilização.

“Índio” eu não sou.  
Sou Kambeba, sou Tembé,  
Sou Kokama, sou Sateré,  
Sou Pataxó, sou Baré,  
Sou Guarani, sou Araweté,  
Sou Tikuna, sou Suruí,  
Sou Tupinambá, sou Pataxó,  
Sou Terena, sou Tukano.

Resisto com a raça e na fé (Kambeba, 2022, p. 27).

O poema “Índio eu não sou” constitui-se como uma expressão literária que aborda, de forma contundente, a identidade e a história das populações indígenas nas Américas, especialmente no contexto brasileiro. Com o intuito de rejeitar a designação “índio” como um nome associado aos povos nativos das Américas, a obra se manifesta artisticamente e, ao mesmo tempo, busca reafirmar a riqueza étnica e cultural dessas comunidades por meio da identificação de várias etnias específicas.

O próprio título do poema já estabelece uma negação da identidade imposta pelo colonizador, destacando o termo “índio eu não sou”, o que sugere uma desconexão entre a autodefinição dos povos indígenas e o rótulo historicamente imposto sobre eles. A partir desse ponto, o poema se desenvolve em uma sucessão de estrofes que explora diversos aspectos da experiência indígena desde o momento da chegada dos europeus. A menção à figura de Cristóvão Colombo e ao “erro de rota”, que descobriu em seu desembarque no continente americano, faz uma alusão à complexa relação entre colonizadores e povos nativos. A crítica à apropriação indevida do termo “índio”, um equívoco perpetrado por Colombo, desafia a legitimidade dessa denominação.

Ao analisarmos o poema sob uma perspectiva mais aprofundada, podemos observar como a autora emprega elementos gráficos e sonoros de maneira significativa. A estrutura rítmica, apesar de sua irregularidade, contribui para estabelecer uma cadência que ecoa a diversidade de sentimentos expressos ao longo do poema. Além disso, a escolha lexical do autor desvenda os estereótipos criados em relação aos povos indígenas. O próprio título, *Índio eu não sou*, e a abordagem subsequente do termo “índio” enfatizam a imposição colonial, a negação do direito à identidade e a apropriação cultural resultante do equívoco de Colombo.

A autora lança luz sobre o sofrimento ao evocar palavras como “bala” e “dor”, intensificando a carga emocional negativa associada à terminologia imposta, materializada na metáfora “uma bala em meu peito transpassou”. Ao evocar a chegada dos “homens brancos” portando a cruz e a espada, o poema remete ao processo de colonização, no qual a religião, a força e a violência foram utilizadas como instrumentos de imposição da cultura europeia sobre as culturas autóctones. A alusão à “missão” refletida nos olhos dos colonizadores realça a intenção de subjugar e assimilar, ressaltando a desigual relação de poder. Dessa forma, a relação entre a ação religiosa e o colonizador é explorada pelo autor por meio da antítese “cruz e espada”, evidenciando a colaboração da Igreja Católica nas práticas de dominação.

Sobre essa relação entre a Igreja Católica e a Coroa Portuguesa no contexto da colonização das Américas, Costa (2008) esclarece que: “Igreja e Coroa Portuguesa estreitavam suas relações, unindo forças na conquista das riquezas e das almas além-mar. Isso porque, colonização e evangelização faziam parte de um grande empreendimento, no qual a cruz e a espada configuravam-se como elementos indissociáveis na conquista da América” (Costa, 2008, p. 3).

Com a repetição sonora dos fonemas /s/ e /ão/ na quinta estrofe: “Ele veio sem permissão / Com a cruz e a espada na mão / Nos seus olhos, uma missão / Dizimar para a civilização”, a expressão das adversidades enfrentadas pelas populações indígenas é intensificada e parece se prolongar como a sonoridade dos fonemas, ampliando a percepção dos sofrimentos que foram suportados. As palavras “permissão” [pēs.mi.'sãw], “mão” [mãw], “missão” [mi.'sãw] e “civilização” [si.vi.li.za.'sẽw] apresentam um padrão sonoro

interessante que merece atenção. O fonema /s/, caracterizado como um som fricativo alveolar surdo, aparece repetidamente ao longo dos versos, contribuindo para a musicalidade e a fluidez do discurso. Em contrapartida, o fonema nasalizado /ãw/, presente no sufixo -ão, prolonga a emissão sonora e intensifica a carga expressiva do texto. Essa configuração sonora não é meramente estética; ela ressalta as dificuldades vividas pelos povos ameríndios, criando uma dimensão quase tangível ao sofrimento retratado. Assim, os ecos sonoros evocados realçam a ideia de permanência e extensão dos impactos das adversidades, sublinhando a profundidade da experiência vivida.

A ideia de resistência e preservação da identidade é reforçada quando o eu lírico enumera diversas etnias indígenas, como Kambeba, Tembé, Kokama, Sateré, entre outras. Essa enumeração não apenas enfatiza a multiplicidade de identidades contidas na categoria “índios”, mas também desconstrói a generalização eurocêntrica, reforçando a necessidade de reconhecer as singularidades de cada etnia. A referência à raça e à fé, na qual o eu lírico afirma “Resisto com a raça e na fé”, sugere uma resistência ancorada nas características étnicas, culturais e nas crenças espirituais que têm desempenhado um papel crucial na preservação das culturas indígenas ao longo dos séculos diante das tentativas de suprimir suas identidades.

A poesia de Kambeba emite um apelo à rejeição de rótulos simplistas, notadamente o termo “índio”, e, nesse processo, orienta o leitor por uma narrativa marcante de auto-identificação e resistência diante da estigmatização histórica. Destarte, ressalta-se a ênfase conferida à apreciação da diversidade de identidades e culturas inerentes aos povos indígenas. Dessa maneira, emerge a capacidade da obra em questionar a imposição da perspectiva eurocêntrica acerca das comunidades originárias, ao mesmo tempo em que celebra a tenacidade desses grupos em manter inabaláveis suas identidades e tradições, mesmo no contexto de adversidades históricas.

### **3.1.3 Território como espaço de luta: *Território Ancestral***

#### **TERRITÓRIO ANCESTRAL**

Maá munhã ira apigá upé rikué

Waá perewa, waá yuká

Waá munhã maá putari.

*[tradução]*

O que fazer com o homem da vida

Que fere, que mata

Que faz o que quer?

#### **Do encontro entre o “índio” e o “branco”**

Uma coisa que não se pode esquecer

Das lutas e grandes batalhas

Para o direito a terra defender.

A arma de fogo superou minha flecha

Minha nudez se tornou escândalo

Minha língua foi mantida no anonimato

Mudaram minha vida, destruíram meu chão.

Antes todos viviam unidos

Hoje, se vive separado.

Antes se fazia o Ajuri

Hoje, é cada um para o seu lado.

Antes a terra era nossa casa

Hoje, se vive oprimido.

Antes era só chegar e morar

Hoje, o território está dividido.

Antes para celebrar uma graça

Fazia-se um grande ritual.

Hoje, expulso da minha aldeia

Não consigo entender tanto mal.

Como estratégia de sobrevivência

Em silêncio decidimos ficar.

Hoje nos vem a força

De nosso direito reclamar.

Assegurando aos tanu tyura

A herança do conhecimento milenar.

Mesmo vivendo na cidade

Nos unimos em um único ideal

Na busca pelo direito

De ter nosso território ancestral.

O que fazer com homem na vida

Que fere, que mata

Que faz o que quer? (Kambeba, 2022, p. 40).

O poema *Território Ancestral* aborda, de maneira lírica e assertiva, as complexidades enfrentadas pelos povos indígenas diante do processo de colonização, a subjugação cultural e a luta pela preservação de seus territórios e identidades. Por meio de uma profunda reflexão sobre o impacto histórico e contemporâneo dessas dinâmicas, a autora Márcia Wayna Kambeba ressoa com a voz coletiva de sua comunidade, expressando preocupações e reivindicações vitais. A poesia, traduzida a partir do idioma nativo, converge em um canto comovente, no qual a resistência indígena emerge como um fio condutor fundamental.

O poema inicia com versos enigmáticos que expressam uma sensação de perda, opressão e deslocamento causada pelo contato com o “homem da vida” branco, aludindo à capacidade de infligir dano e destruição. Essa abertura, carregada de interrogações, estabelece um tom reflexivo que permeia o restante do texto. A repetição das sílabas “maá” e “munhã” no primeiro verso do poema cria uma sonoridade rítmica que remete ao tom tradicional e ritualístico das culturas indígenas. Além disso, o uso de aliterações, como em “*ira apigá upé rikue*” e “*waá perewa, waá yuká*”, contribui para criar um efeito sonoro que lembra cânticos ou rituais, reforçando a conexão com a tradição e a ancestralidade.

Logo mais, o encontro cultural entre o “índio” e o “branco” é destacado, insinuando a inescapável influência e o confronto entre essas duas esferas, com um imperativo reflexivo (“Uma coisa que não se pode esquecer”), indicando a importância de lembrar a história e suas implicações. A luta pelos direitos territoriais é enfatizada na sequência, conectando diretamente o encontro cultural com as “lutas e grandes batalhas” travadas em prol da defesa da terra ancestral. Essa referência às lutas e batalhas remete ao contexto histórico de confronto entre colonizadores e povos nativos, destacando a importância da terra como elemento de identidade e subsistência.

A transformação cultural e a perda territorial são abordadas com um senso de lamento e resistência: “A arma de fogo superou minha flecha / Minha nudez se tornou escândalo / Minha língua foi mantida no anonimato / Mudaram minha vida, destruíram meu chão”. A metáfora da “arma de fogo” que supera a “flecha” e a mudança na relação com o corpo e a língua refletem a influência invasiva e, muitas vezes, prejudicial da cultura dominante sobre a cultura indígena.

O contraste entre o passado e o presente é habilmente empregado na poesia, tanto para enfatizar as mudanças significativas quanto para acentuar as perdas culturais. A separação da comunidade, antes unida, é destacada através de uma transição contrastante: “Antes todos viviam unidos / Hoje, se vive separado”, ressaltando os efeitos desestruturantes do contato com a sociedade não indígena. A repetição do advérbio “Antes” enfatiza a diferença entre o estado de coletividade do passado e a fragmentação do presente, enquanto os termos “Hoje” demarcam claramente o ponto de transformação. A prática do “Ajuri” – um termo que denota uma atividade comunitária ou colaborativa (Kambeba; Bonin, 1999, p. 27) – é contrastada com a divisão que predomina no presente, apontando para uma desconexão do senso de coletividade que antes caracterizava a vida dos Kambeba. Isso contrasta com a força da coletividade da cultura indígena, e o distanciamento faz lembrar o individualismo da cidade grande, uma marca negativa da contemporaneidade.

A retomada do passado e a identificação das mudanças territoriais e culturais são reconhecidas com ênfase: “Antes a terra era nossa casa / Hoje, se vive oprimido. / Antes era só chegar e morar / Hoje, o território está dividido”. Os advérbios “Antes” e “Hoje” aqui fornecem uma estrutura organizacional, permitindo uma comparação nítida entre o passado e o presente. A palavra “dividido” oferece uma síntese da realidade atual, indicando a ruptura do território e da coletividade.

A resistência cultural e a busca pelo direito ancestral ganham destaque na sequência final: “Como estratégia de sobrevivência / Em silêncio decidimos ficar. / Hoje nos vem a força / De nosso direito reclamar. / Assegurando aos *tanu tyura* / A herança do conhecimento milenar”. A conjunção “Como” estabelece uma relação de causa e efeito entre a estratégia de sobrevivência e a decisão de permanecer em silêncio. A utilização do advérbio “Hoje” insere um ponto de virada, indicando uma mudança de atitude e destacando a emergência de forças reivindicatórias. A alusão à “herança do conhecimento milenar” culmina em uma nota de empoderamento e resiliência, encerrando o poema com um apelo à valorização da herança cultural e à busca pela justiça territorial.

O poema também aborda a espiritualidade e as mudanças nas práticas culturais. A transição dos rituais ancestrais para a diáspora forçada é expressa por meio da reflexão sobre a celebração dos ritos sagrados. A expulsão do eu lírico de sua aldeia e a perda de um senso de pertencimento manifestam o trauma infligido pela colonização. Contudo, o poema também transmite uma mensagem de resiliência e luta. A decisão de sobreviver em silêncio sugere uma estratégia de adaptação, enquanto a busca pelo direito ao território ancestral reflete uma nova força emergente entre os Kambeba. A referência ao *tanu tyura*, representando a transmissão do conhecimento ancestral aos “nossos pequenos” (Kambeba, 2022, p. 72), é uma afirmação da persistência da identidade cultural.

De maneira concisa, *Território Ancestral* encapsula a voz e a experiência da população indígena Kambeba por meio da poesia contemporânea brasileira. Utilizando uma linguagem poética rica e elementos culturais intrínsecos, o poema explora questões de identidade, luta, colonização e resistência. As estrofes, em sua estrutura e conteúdo, ecoam as vozes indígenas que, apesar dos desafios, persistem em contar suas histórias e reivindicar seus direitos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da análise dos poemas *Ay kakyri tama*, *Índio eu não sou* e *Território ancestral*, pertencentes à obra *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade* (2022), de Márcia Wayna Kambeba, torna-se evidente a eficácia e a relevância dessas expressões poéticas como mecanismos de construção e projeção identitária, além de instrumentos de resistência cultural no contexto contemporâneo. A autora explora, por meio de uma complexa interação entre elementos de sua herança indígena e o cenário urbano que agora habita, os desafios socioculturais que enfrenta. Por meio de uma fusão entre memória ancestral e confronto com a realidade presente, Kambeba ilustra as dinâmicas subjacentes à negociação de identidade em uma era marcada pela globalização e hibridização cultural.

No poema *Ay Kakyri Tama*, Kambeba (2022) demonstra a capacidade da linguagem poética de transcender fronteiras espaço-temporais, resgatando e recontextualizando fragmentos de tradição e memória ancestral para construir um sentimento de pertencimento e conexão com sua herança cultural. Paralelamente, *Índio Eu Não Sou* expõe a experiência desafiadora da autora ao enfrentar a negação de sua identidade indígena, tanto na esfera pública quanto em sua dimensão interna. Nesse contexto, o poema

funciona como um grito de resistência, reivindicando a validade e a autenticidade de sua identidade indígena no ambiente urbano contemporâneo.

Em *Território Ancestral*, a autora aborda a noção de território, não apenas como delimitação geográfica, mas como um espaço carregado de significados culturais e históricos, ressoando as vozes de seus antepassados. Ela utiliza a linguagem poética para instigar uma reflexão sobre perda, reivindicação e perpetuação das conexões ancestrais, representando, assim, a luta contínua pela preservação e fortalecimento da herança cultural indígena.

Portanto, a análise dos poemas selecionados de Márcia Wayna Kambeba evidencia sua maestria em utilizar a poesia como veículo de expressão e resistência. Suas obras confrontam estereótipos e as adversidades enfrentadas pelos povos indígenas, ao mesmo tempo em que estabelecem um diálogo entre tradição e contemporaneidade, criando um espaço de reflexão e reconstrução identitária. Nesse sentido, a voz poética de Kambeba ressoa como um chamado à valorização das vozes ancestrais, reforçando a importância da diversidade cultural e da resiliência diante das complexidades do mundo moderno.

## REFERÊNCIAS

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COSTA, R. P. As ordens religiosas e a escravidão negra no Brasil. *Mneme – Revista de Humanidades*, UFRN, Caicó (RN), v. 9. n. 24, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8992724-As-ordens-religiosas-e-a-escravidao-negra-no-brasil.html>. Acesso em: 14 de ago. de 2023.

D'AMORIM JÚNIOR, M. A. Prefácio. In: KAMBEBA, M. W. *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*. São Paulo: Jandaíra, 2022.

DORRICO, J. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, J.; DANNER, L. F.; CORREIA, H. H. S.; DANNER, F. (org.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 227-255.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAÚNA, G. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

KAMBEBA, M. W. *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*. São Paulo: Jandaíra, 2022.

KAMBEBA, R. C. da S.; BONIN, I. T. (org.). *Aua Kambeba: palavra da aldeia Nossa Senhora da Saúde*. Brasília: CIMI/UNICEF, 1999.

POTIGUARA, E. *Metade cara, metade máscara*. Rio de Janeiro: Grumin, 2019.



Recebido em 07/03/2024. Aceito em 14/09/2024.